

Entre Deus e o Demônio: perspectivas de análise da obra de Cavazzi e da ação missionária na África à luz das expansões ultramarinas europeias

Débora Michels Mattos
Doutoranda em História Social, FFLCH/USP
dmattos@usp.br

Resumo: este artigo tem como objetivo refletir sobre os significados do bem e do mal ou de Deus e do Demônio presentes na obra do Padre Capuchinho João Antônio Cavazzi, intitulada *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Nossa intenção é demonstrar o conteúdo ideológico nela presente mas, além disso, verificar em que medida a missão evangelizadora na África Central, no contexto das expansões ultramarinas europeias, conseguiu ou não penetrar, a partir de seus valores e diante de singulares manifestações de resistência, no tecido social dos povos africanos, alterando seus saberes e fazeres cotidianos, bem como seu conjunto de crenças.

Palavras-chave: Deus, Demônio, África, Cosmogonia, Evangelização.

Introdução

Antes que a luz do Santo Evangelho dissipasse das inteligências dos Congueses as trevas da superstição e da idolatria, aqueles infelizes estavam sujeitos à tirania do Demônio, inimigo comum que em todas aquelas regiões exigia ilimitado, horrível e deplorável tributo de almas e corpos. Mas depois que ao conhecimento da verdadeira fé sucedeu a devida veneração e o culto de Deus, parece que o Demônio ficou muito vencido e derrotado. Na verdade, tendo a incansável diligência dos missionários conduzido aquela cristandade a bom termo, abre-se uma grande confiança e esperança de exterminar o Demônio completamente, desde que às nossas argumentações não se oponham os estratagemas dos feiticeiros, que, reanimando os antigos erros, procuram com todas as suas forças manter vivo o séquito do inimigo (CAVAZZI, 1965, v. 1, p. 166).

Em 1687 era publicada, em Bolonha, a *Istorica descrizione de' tre' regni Congo Matamba et Angola*. Escrita pelo padre capuchinho João Antônio Cavazzi, enviado à África Central no ano de 1654 em nome da Sagrada Congregação da Propaganda Fide,¹ caracteriza-se uma das mais ricas fontes acerca dos contatos estabelecidos entre africanos e europeus no contexto das expansões ultramarinas, mas, sobretudo, acerca das representações criadas em torno dos povos da África nos seus mais variados aspectos.

O fragmento acima traduz algumas perspectivas de análise da obra de Cavazzi. Em primeiro lugar, aponta alguns dos princípios que nortearam a presença de missionários em terras além-mar, ou seja, a expansão da fé cristã a todos os povos que professavam um conjunto inumerável de crenças e práticas culturais tidas como supersticiosas, resultados da influência do Demônio. Em segundo, sugere que o processo de evangelização na África dependeu, em grande medida, do grau de sua aceitação, sendo esta, muitas vezes, rejeitada. É sobre estas duas perspectivas que pretendemos nos debruçar neste artigo. Para tanto utilizaremos alguns dos relatos que constam da obra de Cavazzi, em versão traduzida, revisada pelo padre Graciano Maria de Leguzzano e publicada em Lisboa no ano de 1965, intitulado *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*, sobretudo aqueles que evidenciam o universo cultural cosmogônico desses povos, principal alvo da intervenção missionária.

Nossa intenção é demonstrar o conteúdo ideológico presente na obra de Cavazzi mas, além disso, verificar em que medida a missão evangelizadora, com seus valores, conseguiu ou

¹ A “Sagrada Congregação da Propaganda Fide” foi fundada pelo Papa Gregório XV em 1622, no contexto das navegações marítimas europeias. Teve como objetivos a expansão do cristianismo e a garantia do estabelecimento da fé cristã, a partir do combate à permanência de práticas heréticas, caracterizadas duas das muitas justificativas dadas pelos europeus à colonização da África e das Américas. Embora os fundamentos de evangelização tenham sofrido grandes alterações ao longo dos séculos, a Propaganda Fide persistiu com essa nomenclatura até o ano de 1988, quando o Papa João Paulo II passou a denominá-la “Congregação para Evangelização dos Povos” (grifo meu).

não penetrar, diante de singulares manifestações de resistência, no tecido social dos povos africanos, alterando seus saberes e fazeres cotidianos, bem como seu conjunto de crenças.

O olhar sobre o outro

Sabemos que o continente africano no contexto das navegações ultramarinas europeias era povoado por um número bastante vasto de grupos étnicos linguísticos e cujas manifestações culturais também eram vastas. No âmbito do universo cosmogônico desses povos, essa vastidão também podia ser observada. Entretanto, em algumas regiões, mesmo que habitadas por diferentes etnias, podia-se vislumbrar similaridades, onde algumas concepções eram por todos partilhadas.

Para os habitantes da África central, por exemplo, a construção de sua visão de mundo esteve irremediavelmente associada à religiosidade. Através da religiosidade, as estruturas seculares que acompanharam esses povos foram sedimentadas. Isso porque, somente ela era capaz de explicar todos os vieses da vida cotidiana, assim como também, resolver seus problemas. Para Sweet esse universo cosmogônico “ditava regras de comportamento e práticas rituais, explicava a origem das doenças, da infertilidade e de outras situações desagradáveis, delineava as relações entre os seres humanos e as várias divindades” (SWEET, 2007, p. 128). Além disso, cabia a essa cosmogonia, estabelecer o diálogo entre o mundo dos vivos e dos mortos, sendo este fundamental à manutenção da própria vida.

De fato, o mundo dos vivos e dos mortos era indissociável. Se por um lado cabia aos mortos dar proteção aos seus familiares vivos. Aos vivos cabia reverenciar a memória e o espírito de seus familiares mortos. Qualquer infortúnio poderia ser atribuído a não reverência às almas ancestrais ou a outras divindades. Para remediá-lo, não era raro a recorrência a adivinhos e curandeiros que, por meio da invocação de forças sobrenaturais aliada aos conhecimentos herbalísticos, legitimavam-se como capazes à resolução de qualquer mal. A exemplo, ações malévolas que, quase sempre atribuídas a feiticeiros, passavam por juramentos como forma de provação. Fazendo parte, estes juramentos, do conjunto de práticas rituais atinentes ao universo cosmogônico centro-africano, foram também eles representados como frutos de má intenção, superstição, táticas da ação do Demônio, constituindo-se, conseqüentemente, alvos da campanha missionária cristã.

Os juramentos fazem-se sempre com a intervenção dos feiticeiros, os quais nestas cerimônias enganam criminosamente a população, mediante provas estranhas com água a ferver, com fogo e venenos. (...) No Congo, quando o juiz não pode convencer uma pessoa suspeita de algum crime, põe-na diante do *nganga*, ou ‘sacerdote dos juramentos’, o qual, pondo-lhe na boca uma mistura preparada com ocultas cerimônias, obriga o desgraçado a chamar sobre si a ira dos deuses no caso de ser culpado do crime (CAVAZZI, 1965, v. 1, p. 103).

Para Cavazzi, os juramentos constituíam-se, além de uma fraude, pelo constante uso de estratégias questionáveis no âmbito de sua aplicação, uma forma de reverenciar forças sobrenaturais ocultas e contrárias aos preceitos cristãos. Estariam eles inclusos no rol das práticas tidas como supersticiosas por buscar respostas às causas de determinados infortúnios numa esfera do pensamento que se erigiu tendo por alicerce o universo do paganismo. Segundo Schmitt (1997, p. 19), “(...) a condenação das ‘superstições’ liga-se, (...) de forma privilegiada ao primeiro mandamento.” Em Êxodo, capítulo 20, versículo 1, 2 e 3, vimos as bases para a formação de todo um código de posturas que se traduziu na espinha dorsal da Igreja Católica Cristã em sua “epopéia” no combate ao paganismo.

(1) Então falou Deus todas estas palavras, dizendo:

(2) Eu *sou* o Senhor teu deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

(3) Não terás outros deuses diante de mim. (Êxodo, 20:1,2,3)

Os juramentos, para os africanos, eram constitutivos de suas visões de mundo e faziam parte das estratégias por eles utilizadas, sedimentadas ao longo de sua trajetória histórica e cultural, para responder aos problemas inerentes ao cotidiano. Sweet (2007) afirma que cabia aos adivinhos identificar a causa das divisões na sociedade. Contudo, a recuperação da harmonia era tarefa da comunidade, da família, mas, sobretudo, através do poder de decisão dados aos anciãos. Parece, no entanto, que o papel desempenhado pelo adivinho, tendo por base suas estratégias de adivinhação, procurava ir de encontro aos valores morais construídos no bojo da coletividade. Nesse sentido, se alguém era acusado de um crime cuja culpa tinha de ser demonstrada, o resultado da adivinhação, quase sempre, caracterizava-se consonante com as expectativas da coletividade. Esse caráter da adivinhação foi evidenciado com frequência na obra de Cavazzi.

No juramento chamado *jaji*, aparecem mais evidentes a fraude, a ilusão e a esperteza do feiticeiro. Este deita numa panela água, uma pedra e terra avermelhada com uns pedaços de cabaça usada para conservar azeite. Quando a água ferve, obriga o acusado a tirar a pedra com a mão. Se ficar queimado, é julgado como réu; se não receber prejuízo, cada um dos presentes o aclama inocente, sem mais inquérito.

Neste caso o preservativo é o extracto de algumas ervas muito resistentes ao calor; como se sabe, também o mercúrio, bem usado, produz o mesmo efeito, por ser muito frio. Portanto, o feiticeiro, que não tolera dúvidas sobre a sua imparcialidade, costuma untar a mão daquele que quer condenar com uma pomada aparentemente semelhante à referida, mas que realmente é totalmente contrário nos seus efeitos. (CAVAZZI, 1965, v. 1, p. 109)

No ritual do *jaji*², Cavazzi tenta demonstrar o aspecto fraudulento do processo de adivinhação de um crime. Para o padre observador e missionário, causava-lhe espanto perceber o grau de credulidade dos povos africanos, ainda que considerados “incultos”, na veracidade desses rituais. Contudo, ao que parece, a adivinhação respondia de forma imediata aos problemas de natureza variada, dando cabo de resolvê-los como muito mais urgência, a fim de restabelecer a ordem, como sugere outro fragmento de sua obra.

(...) Direi só que fazem tanto caso delas que, querendo nós estabelecer os bons costumes, eles troçam de nós, julgando falsamente que os nossos juramentos não prestam, porque o perjuro não é imediatamente castigado. Acham que Deus, ao qual pertence o julgamento de todas as nossas acções, quando difere o castigo, ou não quer infligi-lo ou se esquece de o aplicar. A sua consciência, porém, manchada de mil fraudes, deve remordê-los suficientemente pela falsidade desta ímpia suposição (CAVAZZI, 1965, v. 1, p. 104-105).

Se, para Cavazzi, as estratégias utilizadas pelos centro-africanos se configuravam enganosas; eram elas, enganosas ou não, que eram capazes de resolver os impasses inerentes àquelas sociedades. Foram construídas paulatinamente e se tornaram paradigmáticas à medida em que eram atestadas as suas eficácias. Contudo, entravam em choque com um outro paradigma, o dos princípios cristãos, professados por intermédio da missão evangelizadora, que se configurou um dos mais fortes sustentáculos da empresa colonizadora européia, sobretudo a partir da utilização da mão-de-obra africana no trabalho forçado à exploração das Américas.

A expansão do cristianismo

Sabemos que as navegações ultramarinas europeias que acompanharam a exploração do Atlântico foram marcadas por um conjunto de motivações. Entre elas, o acesso ao ouro comerciado no norte da África; a quebra do monopólio comercial muçulmano estabelecido no Mediterrâneo através da descoberta de um caminho alternativo às Índias, principal fonte de escoamento dos produtos; e por fim, a propagação do cristianismo.

A propagação do cristianismo, além de ter por fundamento objetivos geopolíticos, através da quebra do controle muçulmano na região mediterrânica, caracterizava-se um instrumento de poder aos reinos que se formavam. Isso porque, a legitimidade dos reis era considerada vontade divina e residia nos vínculos que estes estabeleciam com a Igreja Católica, através do aval do Papa, principal representante de Deus na terra. A atuação portuguesa no contexto das navegações ultramarinas e posteriormente no âmbito da

² O ritual do *jaji* aparece freqüentemente atribuído aos jagas por Cavazzi. Contudo, prática semelhante podia ser vista no reino do Daomé. Nele, não era uma pedra posta a ferver, mas uma semente (SWEET, 2007, p. 158 e 159).

exploração colonial utilizou este discurso como justificativa para o seu fortalecimento. Mas os portugueses não foram os únicos a utilizar o discurso da missão evangelizadora para estes fins. Os espanhóis se constituíram em outro exemplo e grande parte dos navegadores incorporou a expansão do cristianismo no rol das motivações ao enfrentamento do oceano Atlântico e à descoberta de terras além-mar.

Cristóvão Colombo, em carta enviada ao Papa Alexandre VI no ano de 1502, enfatizava: “Espero em Nosso Senhor poder propagar seu santo nome e seu Evangelho no universo” (COLOMBO, 1502 Apud TODOROV, 1999, p. 11). Essa intenção de Colombo encontrava-se no cerne da viagem realizada rumo às Índias orientais em nome da Coroa Espanhola no ano de 1492 e que resultou na “descoberta” da América. Contudo, de acordo com Todorov, Colombo almejava alcançar um objetivo ainda maior, ou seja, o de encontrar riquezas suficientes para o estabelecimento de um exército capaz de libertar Jerusalém das mãos dos muçulmanos, devolvendo-a para às dos cristãos: “No momento em que tomei as providências para ir descobrir as Índias, era a intenção de suplicar ao Rei e à Rainha, nossos senhores, que eles se decidissem a gastar a renda que poderiam obter das Índias na conquista de Jerusalém (...)” (COLOMBO, 1498 Apud TODOROV, 1999, p. 13).

A incorporação de justificativas de caráter religioso dava, nesse sentido, no que se refere aos aspectos econômicos, força aos reinos, uma vez que para a exploração das riquezas vislumbradas nas terras encontradas, era imprescindível à conformação de suas gentes, sendo a evangelização, tática eficaz para isso. Sendo assim, as missões evangelizadoras dos povos assumiam uma dupla função; ao mesmo tempo em que serviam para fortalecer os dogmas de fé da Igreja Católica, davam sustentação às ações perpetradas pelos reinos europeus em territórios alheios tomados como seus.

A obra de Cavazzi é apenas um fragmento da história das missões evangelizadoras em África. Entretanto, ela nos faz perceber em que medida representações calcadas no pensamento cristão ocidental tiveram por meta estabelecer um valor para o saber produzido acerca do outro; do outro destituído de fé e imerso num mundo de crenças muito distantes daquelas professadas pela Igreja Católica; do outro que vivia em pecado, ao lado do mal e que somente através da conversão poderia migrar para o caminho do bem.

Nesses dois casos, bem e mal são frutos da construção histórica de suas representações, espelhando uma realidade dicotômica se tomada a partir de dois pontos de vista. Nesse sentido, as representações sobre bem e mal criadas no bojo da sociedade cristã ocidental foram tomadas como verdade, procurando impor-se ao outro, a partir do esquema mental

européu. É sob essa perspectiva que a obra de Cavazzi assume relevância, sobretudo, porque nela encontramos os consensos que evidenciam os valores ideológicos criados no interior do pensamento ocidental cristão, valores estes contrários aos dos povos centro-africanos, mas que deram sustentação à dominação européia em África no contexto das expansões ultramarinas. Torna-se relevante verificar, contudo, em que medida houve resistência, pelas sociedades da África central. Para isso, tomaremos como exemplo o caso Imbangala à época do governo da rainha Jinga e os anos que se seguiram a sua morte.

“Conversão” e “Negação”

Era o ano de 1663. Morria, com mais de 80 anos de idade, aproximadamente, umas das mais importantes personagens da história centro-africana, a rainha Jinga ou Dona Ana de Souza, nome que recebeu depois de ter sido batizada. Após anos de incorporação do catolicismo em seu reino, seu enterro aconteceu acompanhado de um ritual típico local, o *tambo*, cujas cerimônias aconteciam durante vários dias e incluíam procedimentos sacrificiais. A celebração da morte de Jinga a partir do *tambo* sugere alguns vieses à compreensão dos modos como o catolicismo se estabeleceu na África dos “descobrimientos” e da resistência, por parte dos africanos, na abdicação de seus referenciais culturais.

Durante muito tempo os imbangalas, sob o comando da rainha Jinga, empreenderam campanhas militares contra a presença portuguesa em África, tendo por mote principal o controle do comércio de escravos na região.³ Após anos de luta e aproximação, foi estabelecido um acordo de paz entre ambos, cujos termos prescreviam, aos súditos da rainha e a ela, o abandono de sua cultura pagã. No âmbito desse abandono, era vetado o poder até então concedido pelos sacerdotes⁴ locais que, nas palavras de Souza (2008, p. 2101), “(...) serviam de condutores das forças invisíveis dos ancestrais e espíritos da natureza (...) e

³ A relação entre o comércio e o catolicismo no âmbito das articulações e embates envolvendo portugueses e imbangalas sob o comando da rainha Jinga na África central não serão discutidas aqui. Contudo, alguns autores se detiveram a analisá-las. Entre eles, destacam-se: MILLER, J. C. **Poder político e Parentesco: os antigos Estados Mbundo em Angola**. Luanda: Ministério da Cultura, 1995.; PEREIRA, A. **Economia e Sociedade em Angola na época da rainha Jinga (XVII)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.; e SOUZA, M. de M. e. **A rainha Jinga de Matamba e o catolicismo**. In: MILLÁN, J. M e LOURENÇO, M. P. (Coords.). **Las relaciones discretas entre las monarquias hispana y portuguesa: las casas de las reinas (siglos XV-XIX)**. Madrid: Ediciones Polifemo, v. III, 2008. p. 2085-2110.; _____. **Crucifixos centro-africanos: um estudo sobre traduções simbólicas**. In: ALGRANTI, L. M. e MEGIANI, A. P. (Orgs.). **Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (XVI-XIX)**. São Paulo: Alameda, 2009. p. 333-354.; _____. **Catolicismo e Comércio na região do Congo e de Angola, séculos XVI e XVII**. In: FRAGOSO, J. et al. (Orgs.). **Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português**. Vitória: EDUSFES, 2006. p. 279-297.

⁴ Na obra de Cavazzi foi descrito um conjunto significativo de feiticeiros cujas atribuições eram variáveis. Entre os imbangalas, os xinguilas mereceram destaque, sobretudo, porque seus ritos envolviam a posse espiritual, podendo, através deles, deixar falar a voz dos antepassados. Eram possuidores de grande autoridade e poder de intervenção, estando ao lado dos governantes na tomada de decisões de toda a ordem (CAVAZZI, v. 1 e 2, 1965).

intervinham o tempo todo na vida cotidiana (...)”, forças estas contrárias às crenças cristãs. A imposição da fé católica, contudo, denota fragilidade quando observado o diálogo estabelecido entre Cavazzi e os oficiais do reino de Jinga acerca do pedido para a celebração do *tambo* em seu funeral:

(...) Depois de acabadas as funções eclesiásticas, os oficiais superiores vieram pedir-me licença para celebrar o público *tambo*, dizendo que não era conveniente acabar com os bons costumes em honra das pessoas beneméritas, como a rainha, e que os soldados o pediam com tanta insistência, que era impossível contrariá-los. (...) Mas para não me pôr no empenho de sustentar a recusa contra a violência com prejuízo da minha reputação, representei-lhes as comissões deixadas a mim pela falecida e a sua absoluta proibição de cerimônias pagãs. Persistiram eles obstinadamente, de maneira que, para evitar algum motim e por ser muito fraca a nova rainha, concedi que fizesse aquela demonstração militar, sob a condição de que não houvesse a mínima superstição ou derramamento de sangue, não só de homens como de animais, e que não se executassem danças impudicas (CAVAZZI, 1965, v. 2, p. 156).

A descrição do ritual do *tambo* em honra da morte da rainha foi bastante pormenorizada e se traduziu por uma intensa apresentação teatral em que as habilidades de Jinga no âmbito da arte de guerrear foram salientadas. Além destas habilidades, seus atributos políticos e as nuances de sua feminilidade. E muito embora os ritos sacrificiais tenham sido postos de lado, a sua ausência, para o sistema de pensamento daquela sociedade, caracterizava uma lacuna no tratamento que deveria ser dispensado no âmbito da celebração da morte, denotando que a incorporação do cristianismo não perpassava pela extinção dos referenciais culturais desses povos.

Mas se por uma parte, me obedeceram na abstenção dos sacrifícios, por outra parte queixaram-se de que só por minha culpa o *tambo*, ficara imperfeito e sem a devida solenidade. Por esta falta, diziam eles, talvez a rainha se queixasse e se vingasse (CAVAZZI, 1965, v. 2, p. 157).

A morte da rainha Jinga representou algumas mudanças no cenário até então evidenciado após a sua conversão. Enquanto viva, promoveu mudanças significativas no que se refere às práticas imbangalas de orientação cosmogônica, práticas estas tidas como frutos da ação do Demônio. Elas se referiam, segundo Souza,

(...) ao abandono de tradições mágico-religiosas como o tratamento dado aos recém-nascidos, à realização dos rituais fúnebres, à consulta aos *xinguilas* em ocasiões diversas, à oferta de sacrifícios aos ancestrais, à utilização de ídolos em situações nas quais o mundo dos homens se conectava ao mundo dos ancestrais e outras forças invisíveis, como identificação de culpados, restauração da saúde e orientação na tomada de decisões de vários gêneros (...). (SOUZA, 2008, p. 2107)

Depois de morta, contudo, observou-se a fragilidade da conversão “imposta” aos seus súditos. Isso porque Dona Bárbara, irmã de Jinga e herdeira do trono, era casada com Jinga Amona, tornando-se, este, o líder do reino de Matamba. Contrário à adoção do catolicismo, promoveu o retorno às práticas tradicionais, pondo fim ao sucesso da missão cristã na região.

Segundo Cavazzi (1965, v. 2, p. 169), em carta enviada aos portugueses de Luanda, Jinga Amona “(...) abjurava à religião cristã, acrescentando que a professara só exteriormente, durante algum tempo, por interesse particular e político. Depois, para que a sua apostasia fosse mais manifesta, mandou buscar quantas crianças houvesse, com menos de 8 anos, e mandou que fossem desapidadamente degoladas em todo o reino.”

A negação do catolicismo perpetrada por Jinga Amona se fez presente sob inúmeras demonstrações. De acordo com Cavazzi, o líder chamou

(...) toda a espécie de sacrílegos feiticeiros e convocou cinquenta *xinguila*, a quem pediu o prognóstico de sua fortuna, tirando da boca daqueles loucos adutores quantas promessas podia sonhar a sua ambição. Correspondeu logo ao fausto vaticínio com o sacrifício de sete robustos moços, dum boi e dalgumas ovelhas. Durante o sacrifício, o chefe *xinguila*, atribuindo-se o nome de Ngola Mbandi, falecido irmão das duas rainhas, fingiu-se possuído pelo espírito dele e pediu a morte dalguns dos presentes e que o sangue deles fosse bebido e as carnes devoradas. Foi imediatamente obedecido e, enquanto cada um se alimentava daquelas abomináveis comidas, o diabólico *xinguila* prometeu às milícias e a todo o povo que o futuro venceriam os seus inimigos, sem que ninguém os pudesse matar ou capturar (CAVAZZI, 1965, v. 2, p. 169).

A partir do fragmento acima, pode-se perceber as dinâmicas que envolveram o processo de evangelização dos povos tidos como gentios⁵, em África, dinâmicas muito mais complexas que a simples aceitação da fé cristã e da rejeição dos valores e crenças tradicionais. Se atentarmos à ênfase dada por Jinga Amona à aceitação da religião cristã por “interesse particular e político”, a complexidade destas dinâmicas tende a se tornar ainda maior, ligando-se a questões de cunho econômico, questões estas encobertas pelo véu da ação missionária fomentada no bojo das expansões ultramarinas e que não foram tratadas neste ensaio.

Difícil, contudo, refletir acerca dos contatos entre africanos e europeus sob a ótica da aceitação e da negação. Se nos detivermos a analisar sob a ótica da aceitação, reforçaremos o discurso já ultrapassado de vitimização dos povos africanos, em que estes foram destituídos de qualquer participação nos processos históricos atinentes à luz dos desdobramentos das chamadas “grandes navegações”. Se nos detivermos a analisar sob a ótica da negação, incorremos em estabelecer uma dimensão estática a própria história das sociedades africanas, desconsiderando o princípio básico da transformação e dos hibridismos que se fazem sempre presentes quando grupos distintos se encontram. Resistência? Talvez! Sem apelar a substratos heróicos na tentativa de manutenção de modos hermeticamente fechados de ser e pensar e agir. Muito mais, ao que parece, acrescentando novos modos de ser e pensar e agir sem perder de vista elementos constitutivos de sua alteridade.

⁵ O termo gentio foi utilizado vulgarmente para designar as pessoas que não partilhavam da fé cristã, e que portanto, eram consideradas pagãs (grifo meu).

Considerações sobre um trabalho inacabado

Procuramos tecer, aqui, algumas considerações sobre a obra de Cavazzi no que diz respeito aos princípios ideológicos que nortearam as missões evangelizadoras em África no contexto das expansões ultramarinas europeias. Para além dessas considerações, intentamos verificar em que medida a missão evangelizadora alcançou o seu objetivo, penetrando no universo dos povos africanos de forma a convertê-los ao cristianismo. Nosso foco de análise foi a África central, marcada pela presença de inúmeros grupos étnicos e linguísticos e cujas referenciais culturais eram, por muitos, partilhados. Esses referenciais culturais foram tomados como fruto da ação do Demônio pelos porta-vozes da ação missionária, a partir das representações calcadas no pensamento cristão ocidental, e que por serem representações, foram tomadas como verdade. No intuito de impor a fé cristã, cabia aos africanos, a negação de seus valores e crenças. Tivemos nos rituais sob forma de juramentos praticados em África, exemplos do olhar tecido pelos europeus sobre os saberes e fazeres africanos. Tivemos na conversão da rainha Jinga ao cristianismo, junto com seus súditos, e mais tarde, em função de sua morte, subsídios para compreender algumas nuances das dinâmicas que envolviam a aceitação e a negação do catolicismo, sendo os significados desta aceitação e negação bastante relativos. Reconhecemos, pois, que os fragmentos escolhidos para análise são bastante ínfimos em relação à riqueza de possibilidades de interpretação que o conjunto da obra de Cavazzi oferece. Sigamos em frente no intuito de executarmos essa tarefa!

Referências bibliográficas

A BÍBLIA Sagrada. Antigo e Novo Testamento. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1959. (Trad. João Ferreira de Almeida)

CAVAZZI, Pe. João Antônio. **Descrição histórica dos reinos de Congo, Matamba e Angola**. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, v. 1 e 2, 1965. (Trad. Pe. Graciano Maria de Leguzzano)

CHARTIER, Roger. História cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Trad. Maria Manuela Galhardo)

FERRO, Marc. **História das colonizações: das conquistas às independências (XIII-XX)**. São Paulo: Cia das Letras, 2006. (Trad. Rosa Freire d'Aguiar)

HEINTZE, Beatrix. **Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história**. Luanda: Kilombelombe, 2007. (Trad. Marina Santos)

MILLER, Joseph. **Poder político e Parentesco: os antigos Estados Mbundo em Angola**. Luanda: Ministério da Cultura, 1995.

PEREIRA, Adriano. **Economia e Sociedade em Angola na época da rainha Jinga (XVII)**. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

SOUZA, Lauro de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial.** São Paulo: Cia das Letras, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo e Comércio na região do Congo e de Angola, séculos XVI e XVII. In: FRAGOSO, João et alii. (Orgs.). **Nas rotas do império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português.** Vitória: EDUSFES, 2006. p. 279-297.

_____. A rainha Jinga de Matamba e o catolicismo. In: MILLÁN, José Martinz; LOURENÇO, Maria Paula Marçal (Coords.). **Las relaciones discretas entre las monarquias hispana y portuguesa: las casas de las reinas (siglos XV-XIX).** Madrid: Ediciones Polifemo, v. III, 2008. p. 2085-2110.

_____. Crucifixos centro-africanos: um estudo sobre traduções simbólicas. In: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula (Orgs.). **Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (XVI-XIX).** São Paulo: Alameda, 2009. p. 333-354.

_____. Religião e poder no Congo e Angola, séculos XVI e XVII – universo mental e organização social. In: SOUZA, Laura de Mello e et alii. (Orgs.). **O governo dos povos: relações de poder no mundo ibérico da época moderna.** São Paulo: Alameda, 2009. p. 263-279.

SCHMITT, Jean-Claude. **História das superstições.** Lisboa: Europa-América, 1997. (Trad. Luís Serrão)

SWEET, James. **Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770).** Lisboa: Edições 70, 2007. (Trad. João Reis Nunes)

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico (1400-1800).** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. (Trad. Marisa Rocha Motta)

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Trad. Beatriz Perrone Moisés)